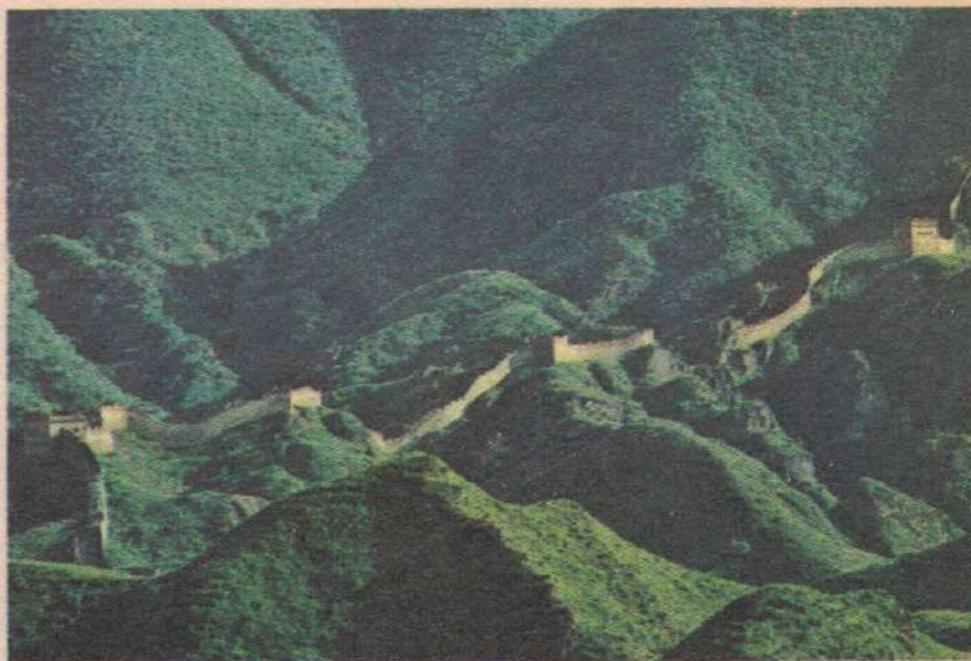


DEVIDO a um irresistível impulso de viajar e a uma insaciável curiosidade, tenho devotado minha vida inteira a ver tantas maravilhas construídas pelo homem quanto o tempo me tem permitido. Daí, as pessoas frequentemente me perguntam: «Você, que já esteve em toda parte e viu de tudo,

Minhas “Sete Maravilhas”



A grande muralha da China

LOWELL THOMAS

Um viajante mundialmente famoso descreve sua escolha pessoal das sete maiores obras do mundo, construídas pelo homem

quais são, em sua opinião, as obras mais impressionantes?»

Listas desse tipo não são novidade. A primeira que conhecemos foi esboçada por um filósofo romano, Antípatro, de Sídon, no século II a.C. Limitando suas «maravilhas» a sete (um número místico entre os antigos), o primeiro de todos os guias turísticos descreveu, como as mais impressionantes atrações de seu tempo: o Mausoléu



de Halicarnasso; o templo de Diana em Éfeso, os Jardins Suspensos da Babilônia, a estátua de Zeus de Olímpia, o Colosso de Rodes, o farol de Alexandria e as pirâmides do Egito (a única «maravilha» de Antípatro que chegou até nós).

Graças às modernas facilidades de viajar e às novas descobertas científicas e arqueológicas, minha lista de maravilhas poderia facilmente chegar a 70 vezes sete. Mas limitarei minha seleção ao mesmo número mágico escolhido por Antípatro, e falarei de sete obras monumentais, que considero impressionantes milagres da arquitetura.

A Grande Pirâmide

ATÉ HOJE, a maior estrutura de pedra do mundo, esse gigantesco monumento à vaidade de um soberano, merece permanecer no topo de qualquer lista de maravilhas construídas pelo homem. Cobrindo 53 mil metros quadrados de deserto, e medindo 230 metros de comprimento de cada lado da base, a estrutura tem 140 metros (a altura de um edifício de 40 andares) do chão até o ápice.

Sua construção por Quéops, um dos mais importantes faraós do Egito, consumiu aproximadamente 2,5 mi-

PICTORIAL PARADE



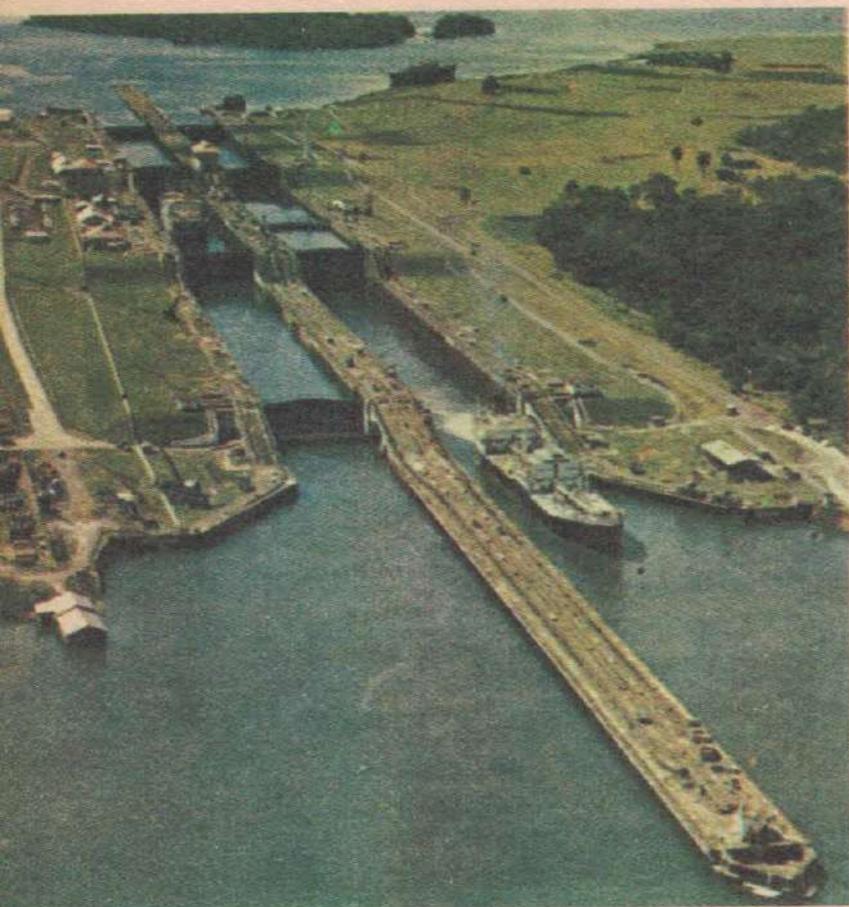
A basílica de S. Pedro, em Roma

lhões de blocos de pedra, alguns pesando mais de 70 toneladas, e manteve centenas de milhares de trabalhadores empregados por mais de 20 anos. Usando primitivos martelos e talhadeiras, de cobre, os operários cortaram os imensos blocos com tanta precisão que se sobrepõem sem mais de meio milímetro de espaço entre si. As cordas, trançadas nas molduras semicilíndricas e atadas aos rolamentos e carros de arrasto, permitiram que os blocos fossem arrastados por uma rampa, onde foram empilhados em sua posição pelo esforço muscular. Depois, a estrutura foi

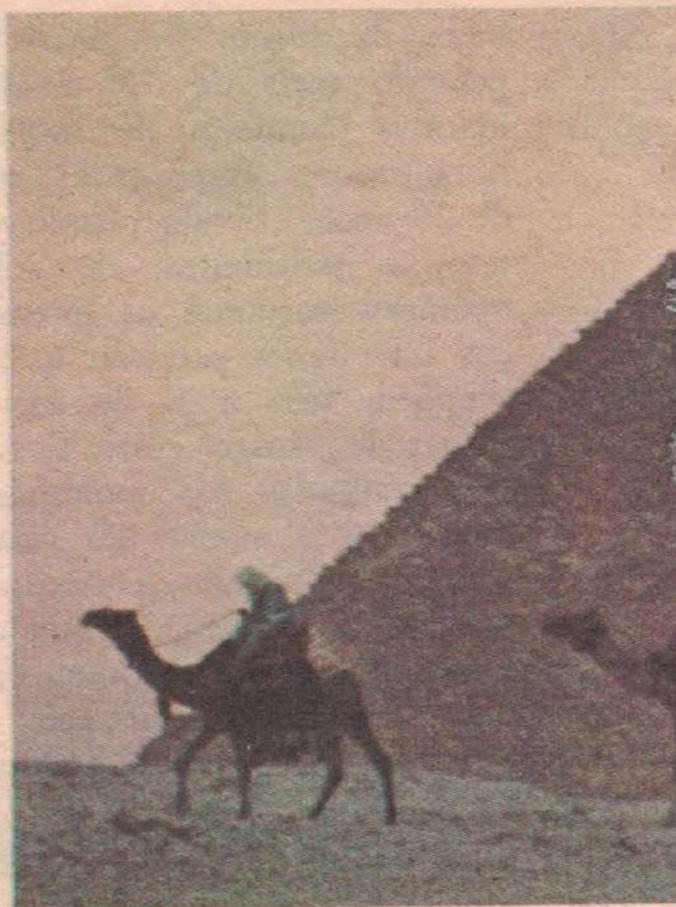
toda revestida, de alto a baixo, com calcário branco e muito bem polido.

O interior da pirâmide é uma obra-prima ainda maior de habilidade, engenharia e *design*. Lá foi construída a câmara-ardente do faraó, com os seus seis telhados sustentando um peso maciço. E também lá foi erigida a Grande Galeria, com aproximadamente 47 metros de comprimento e oito e meio de largura, além dos corredores que sobem e descem. Não admira que este leviatã de pedra mereça a admiração dos modernos visitantes — como fazia com a dos antigos, há quase 50 séculos.





PANAMA CANAL COMPANY



O Taj Mahal

COMO a Grande Pirâmide, o Taj Mahal é um sepulcro. Mas, ao contrário da pirâmide, que celebra a vaidade faraônica, o Taj celebra o romance, imortalizando uma das mais pungentes histórias de amor. Numa sociedade em que era norma possuir-se múltiplas esposas, o criador do Taj, o Xá Jahan, concentrou o seu amor numa mulher, a linda Arjumand Banu. Fazendo dela a sua imperatriz, ele a chamou Mumtaz Mahal («Eleita do Palácio»), de que derivou o nome Taj Mahal. Durante 19 anos, o casal desfrutou o máximo da felicidade conjugal. Então, ao dar à luz o seu 14.º filho, Arjumand morreu. Inconsolável, o imperador devotou

o restante do seu reinado, e quase toda a imensa riqueza do seu império, a erigir em sua memória a mais sublime de todas as maravilhas do homem.

Visto à distância, o Taj parece uma figura de sonho, com uma graça e leveza que evocam a admiração pelo homem que conseguiu um resultado tão milagroso usando mármore. Há delicados minaretes em cada canto. Acima, ergue-se a grande cúpula, encimada por um crescente, e flanqueada por cúpulas menores. A luz entra pelas telas entrelaçadas. No interior de sua câmara central, as paredes são decoradas com florões de pedras semi-preciosas, incrustadas no mármore.

A criação desta obra-prima consumiu quase duas décadas, ocupando

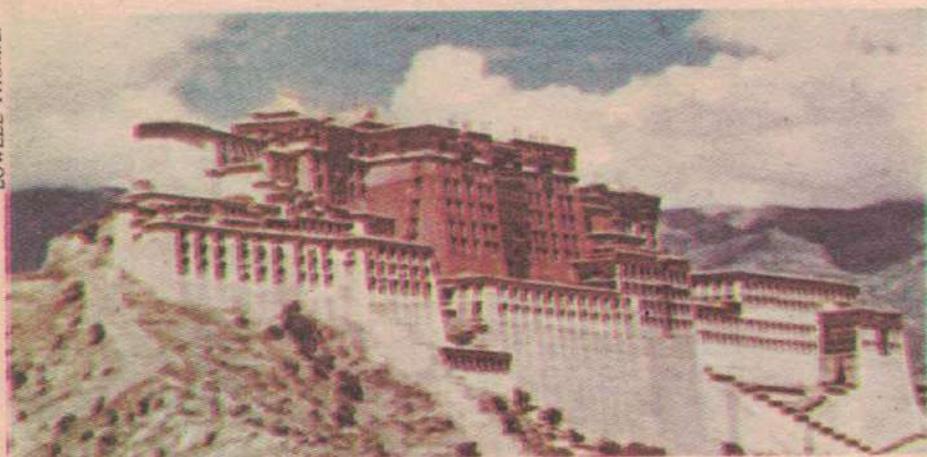


o trabalho de quase 20 mil homens. O Xá Jahan viveu mais 10 anos depois de concluída a sua obra, em 1648. Quando morreu, foi enterrado no Taj Mahal ao lado de sua amada.

A Potala

NO ANO DE 1949, na cidade de Lassa, capital do Tibete, meu filho Lowell Jr. e eu tivemos muita sorte conseguindo visitar a fabulosa Potala, reverentemente chamada em toda a Ásia «o palácio dos deuses». Durante séculos, ela foi a residência do Dalai Lama, o chefe espiritual de milhões de budistas. Até então, poucos visitantes ocidentais tinham sido admitidos naquela terra silente e fechada.

Nunca esquecerei o momento em que, depois de semanas nas escarpadas trilhas do Himalaia, saímos por um vale e vimos Lassa diante de nós, com o impressionante palácio. A Potala, com as suas 1.400 salas, fica no topo de uma colina sobranceira à cidade. Surgindo pelos lados e coroando o topo, o palácio parece ter crescido da rocha. Com seus muitos andares de branco e vermelho, encimados por cúpulas douradas, e com as salas abarrotadas de inestimáveis tesouros, acumulados durante séculos, a Potala tem mais de 135 metros de altura e 275 metros de comprimento. Sua construção foi iniciada em 1641 pelo 5.º Dalai Lama, e continuou por quase 50 anos. A Potala é hoje uma relíquia da arquitetura mundial.



A Potala, no Tibete

Meu filho e eu fomos dos últimos ocidentais a fazer a viagem até Lassa. Na primavera de 1959, as legiões da China Comunista entraram rápida e furiosamente no Tibete, assumindo o controle, depois de uma das mais sangrentas invasões dos tempos modernos. O rei-deus escapou, e vive ainda hoje exilado na Índia.

O canal do Panamá

DURANTE séculos, os homens e os governos sonharam com uma passagem que unisse o Atlântico ao Pacífico através do Istmo do Panamá, com os seus 80 quilômetros de largura. Já em 1534, Carlos V da Espanha tinha iniciado um estudo sobre a sua viabilidade. Mas seu sucessor, Filipe II, foi informado das inúmeras dificuldades previstas pelos engenheiros, e decidiu que o projeto era «contrário à vontade divina». Trezentos anos depois, uma companhia francesa, chefiada por Ferdinand de Lesseps, construtor do canal de Suez, e financiada pelas economias de milha-

res de franceses, foi levada à «espantosa catástrofe» de uma arrasadora falência. Uma nova empresa, formada para salvar o que restava, igualmente fracassou e, em 1902, vendeu a sua participação ao governo dos E.U.A., por 40 milhões de dólares.

Sentindo-se felizes com o negócio, os Estados Unidos deram um passo decisivo, estimulados pelas constantes exortações de Teodoro Roosevelt, de fazer «acabar com a sujeira». Parecia incrivelmente fácil, mas nunca, na história da humanidade, qualquer construção tinha enfrentado tão grandes dificuldades. O Panamá, como os construtores do canal logo descobriram, estava empestado de cólera, malária e febre-amarela. Depois, o terreno era um viveiro de cobras e insetos, assolado por traiçoeiras correntes, pântanos, areias movediças e ressacas — para não falar nos terremotos e deslizamentos de terra, que chegavam a mover até 55 mil metros cúbicos de terra de cada vez, soterrando casas, trens e pás mecânicas, e exigindo semanas de trabalho para desenterrá-los.

Não obstante, o canal foi completado em 1914 — e tão bem construído que ainda serve, hoje, quase da mesma forma pela qual foi inicialmente criado. Tem sido admirado em todo o mundo, e alguém se referiu a ele como «a maior

façanha de engenharia de nossa época, o mais generoso impulso ao comércio do mundo que qualquer nação já concebeu para todas as outras nações».

O edifício Empire State

ALGUNS leitores discordarão de minha escolha do mais famoso edifício de Nova York. Os que odeiam arranha-céus não verão nada de maravilhoso a seu respeito. Outros argumentarão que o Empire State, com seus 102 andares e, durante 40 anos, a estrutura mais alta do mundo, é hoje desafiado pelos 110 andares do World Trade Center de Nova York, pela espantosa nova Sears Tower de Chicago e pela agulha da antena de televisão Ostanino de Moscou, com os seus 537 metros, equivalentes a 150 andares.

Mas, para o milhão e meio de visitantes que sobem anualmente aos 448,5 metros de altura do Empire State e se extasiam com a vista de 130 quilômetros, o rei dos arranha-céus nunca será destronado. Considerem algumas de suas principais características. Apesar da elegância de suas linhas, ele pesa mais de 360 mil toneladas. Como uma cidade dentro de outra, ele provê todos os serviços concebíveis para os seus 16 mil habitantes permanentes, desde bancos e escritórios de corretagem até restaurantes, lojas de roupas e supermercados.

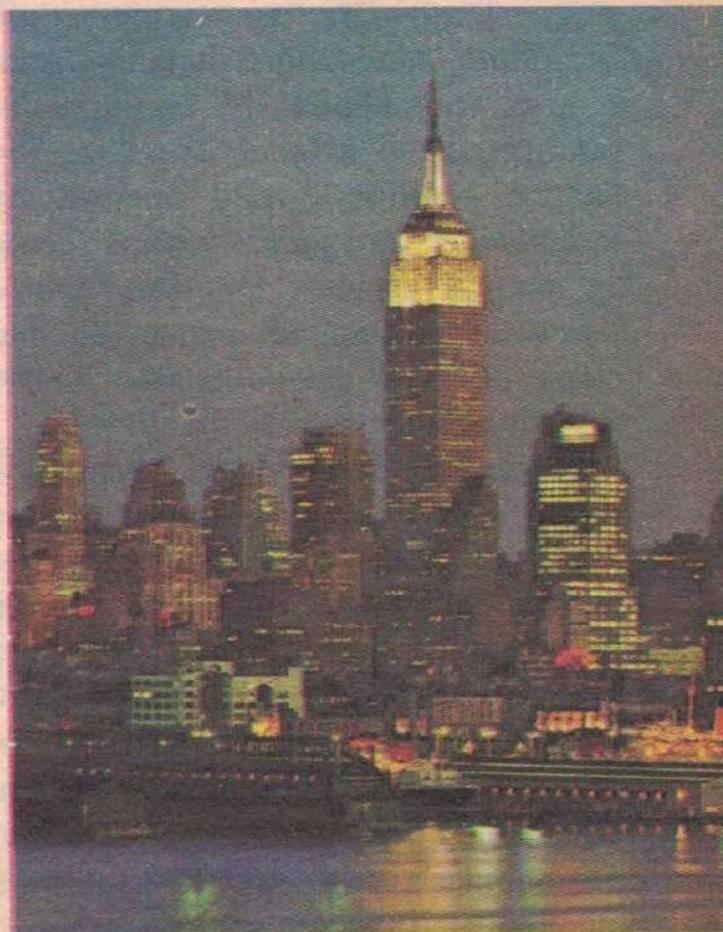
Para seus ocupantes de passagem e visitantes, há 73 elevadores de alta velocidade, mais quatro esca-

das rolantes que dão acesso aos andares inferiores. Para servir as suas necessidades de comunicações dispõe de 5.600 quilômetros de fios telefônicos e telegráficos, além de 18 mil telefones. Para lhe fornecer energia e aquecimento, dispõe de outros 750 mil metros de fios elétricos. E, para mantê-lo impecavelmente limpo e em ordem, exige uma equipe de manutenção de 400 pessoas, entre as quais 200 arrumadeiras e um batalhão de lavadores para suas 6.500 janelas. Só em números, o Empire State é um rei.

A basílica de São Pedro

INDUBITAVELMENTE considerada a mais majestosa obra de arquitetura

JACK ZEHRT



O Empire State Building

da Renascença, a basílica de São Pedro, em Roma, é, de longe, o maior e mais famoso edifício da cristandade. Construída na forma de uma cruz latina, tem quase 200 metros de comprimento, 137 de largura, 132,5 de altura, e abrange uma área de 3,6 hectares. O historiador inglês Edward Gibbon considerou-a a «mais gloriosa estrutura até hoje erigida para o uso da religião».

No entanto, a fama da basílica como uma das maravilhas do mundo não depende do seu tamanho ou custo (estimado em 300 milhões de dólares), e sim da sagrada obstinação que impeliu 20 diferentes papas, num período de 120 anos, nos séculos XVI e XVII, a concluir sua construção. Refletindo os enormes talentos de arquitetos como Bramante, Maderno e Bernini, mais a arte inigualável de escultores e pintores como Miguel Ângelo e Rafael, a basílica é não apenas um testemunho dos seus gênios como da crença católica de que, sob o seu altar, jazem os restos do humilde pescador em cujas mãos Cristo depositou «as chaves do Reino».

O templo original foi construído no século IV a. C., naquele mesmo local, por ordem do Imperador Constantino. Mas, 12 séculos depois, estava tão decrépito que o Papa Júlio II ordenou que o pusessem abaixo e construíssem outro no local. Embora muitos fiéis achassem que aquilo era um «vandalismo papal», e as controvérsias ocupassem inúmeros arquitetos encarregados, o

novo edifício foi finalmente consagrado em 1626. E ele continua hoje a derramar a sua glória sobre milhões de visitantes que, como eu, achariam um contrassenso ir a Roma sem ficar por algum tempo em seu interior.

A grande muralha da China

CONSTRUÍDA há 22 séculos, a grande muralha foi criação de Shih Huang Ti, um governante fronteiriço que, por volta de 221 a. C., recrutou um grande exército, e usou suas poderosas legiões para dominar diversos estados dissidentes, formando com eles algo semelhante a uma China Unida. Assumindo o grandioso título de «Primeiro Imperador», fundou a dinastia Chin, da qual se deriva o nome China.

O imperador tinha duas manias: um desprezo pelos intelectuais e um horror aos bárbaros da Mongólia, que sempre vinham do norte para atacar. Para cuidar dos primeiros, perseguiu todos os homens letrados; e, para lidar com os últimos, construiu a grande muralha — em parte, como se diz, para manter os bárbaros afastados, mas também para manter os seus súditos ocupados demais para se rebelar.

Mais de um milhão de operários foram empregados na obra, que durou 18 anos. Um escritor a chamou de «o maior cemitério do mundo», calculando que 400 mil operários morreram nela, de frio, calor e tempestades de areia.

Mas a muralha, uma vez com-

pletada, era algo de se ver. Como um gigantesco dragão, ela se estende por 2.500 quilômetros, pelos desertos, sobre montanhas de 1.500 metros de altitude e através de vales abaixo do nível do mar, das proximidades de Pequim ao norte da China. Sua altura varia entre 4,5 e 15 metros; sua espessura, entre 4,5 e 9 metros. Uma estrada corre sobre toda a sua extensão, cercada por ameias feitas para proteger contra as armas inimigas. A intervalos regulares, em guaritas apropriadamente construídas para esse fim, postam-se milhares de sentinelas.

Impossível dizer quantos invasores se viram bloqueados pela grande

muralha. Exceto por breves períodos, a China esteve sujeita a contínuas invasões bárbaras, vindas do norte, e foi várias vezes conquistada. Hoje, desmoronando em muitas de suas partes, a muralha é um trambolho inútil, embora impressionante. Como todas as barreiras erigidas pelas nações para manter os seus habitantes do lado de dentro e os estrangeiros do lado de fora, ela fracassou e, atualmente, não é mais do que um monumento histórico, com interesse apenas para turistas.

Num próximo artigo, Lowell Thomas descreverá o que considera as sete maiores maravilhas *naturais* do mundo.



SE VOCÊ acha que sua praia favorita costuma ficar superlotada, leia isto. No auge do verão, uma praia perto de Tóquio costuma receber mais de 500 mil pessoas ao mesmo tempo. O caso é tão sério que um helicóptero fica o tempo todo sobrevoando a praia, e um locutor, através de um altofalante, exorta os banhistas a ficar de pé, porque deitados ocupam mais espaço.

— N. Z. H.



Nosso aniversário de casamento se aproximava outra vez, e eu decidi que não ficaria denunciando «pistas» para que meu marido se lembrasse dele, como das outras vezes. Eu queria que, naquele ano, ele se lembrasse sozinho. O dia chegou, e se foi, sem que ele lhe fizesse a menor menção. Não toquei no assunto, e assim se passou mais de uma semana. Então, um dia, meu marido chegou em casa com flores, chocolates e me convidando para sair à noite. «O que estamos comemorando?», perguntei, realmente surpresa.

Ele respondeu: «Ora, já se esqueceu de que hoje fazemos 11 anos, uma semana e dois dias de casados?»

— K. F.